

A Produção Religiosa de Benedito Calixto e a Ótica do Mecenato Religioso

Karin Philippov¹

Benedito Calixto (1853-1927) produz um tipo de arte que se pauta pelas encomendas tanto laicas quanto eclesiásticas. A presente comunicação consiste em pensar a produção religiosa do artista sob a ótica da encomenda, sobretudo religiosa. Nesse sentido, buscar-se-á compreender sua pintura dentro do universo paulista da virada do século XIX para o subsequente, considerando-se que a instituição Igreja e o Estado participam ativamente da construção de uma religiosidade pautada não só pelos preceitos religiosos da Romanização, ou seja, pela reforma que visa unificar os ritos litúrgicos da Igreja católica no Brasil, como pela afirmação de uma nacionalidade através da “glorificação dos bandeirantes” (NAVES, 2005: 142), conforme Rodrigo Naves aponta.

Um exemplo bastante evidente dessa “glorificação” (NAVES, 2005: 142) pode ser encontrado na Igreja de Santa Cecília, localizada na cidade de São Paulo. Calixto recebe a encomenda e executa dez pinturas a óleo sobre tela, sendo este “o primeiro trabalho de fôlego que Calixto executa no campo da arte sacra”, (POLETINI, 2003: 27) segundo Moisés Poletini. O artista recebe a encomenda de Dom Duarte Leopoldo e Silva, Bispo de São Paulo de então e faz um amplo estudo sobre a vida da Santa que dá nome ao templo. O artista inclusive chega a “escrever monografias abordando a vida e a época da Santa, abrangendo as disciplinas de História e Arqueologia Cristã” (POLETINI, 2003:28). Aqui, o que chama a atenção é que Calixto não só atende a encomenda religiosa, como também atua como historiador, vertente esta que sempre o acompanha em suas pinturas, pesquisas e contatos com o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Na presente comunicação, entretanto, se busca analisar o contato do artista com o referido mercado de arte religiosa. Voltando à questão da encomenda realizada na Igreja de Santa Cecília, Calixto pinta primeiramente, entre 1907 e 1909, a vida da Santa martirizada (fig.1), para entre 1910 e 1912 executar telas que retratam a vida do bandeirante Pedro Correa (fig.2), igualmente martirizado.

A encomenda que Calixto recebe possui duas diretrizes complexas e paralelas, pois, de um lado se tem a Igreja e do outro, o Estado republicano representado preponderantemente pela elite cafeeira. Ou seja, o capital destinado ao artista é oriundo de duas matrizes: da Igreja e do café. A escolha do tema laico alça Pedro Correia ao nível da Santa Cecília, em uma clara tentativa de exaltação do passado bandeirante de uma terra que se desenvolve através das expedições pelo interior do país em busca de riquezas, tendo o índio como inimigo combatido tanto pelo genocídio, como pela catequese nem sempre bem sucedida.

Cristina de Toledo Romano defende em sua tese de doutorado (ROMANO, 2007) que Dom Duarte Leopoldo e Silva encomenda a obra ao artista em consonância aos anseios da elite cafeeira habitante da cidade de São Paulo. Elite essa que necessita se afirmar buscando seu lugar político, econômico e social dentro do contexto da Primeira República. Por outro lado, a Igreja, nesse momento, passa por uma profunda reforma em seu estatuto eclesiástico, sob o comando do Papa Pio XI, reforma essa conhecida como Romanização da Igreja Católica.

¹ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – IFCH-UNICAMP, doutoranda em História da Arte e bolsista Capes.

A Romanização surge da necessidade de controle e unificação do culto católico, uma vez que após quatrocentos anos de desordem, a Igreja sente a premência de unificar as práticas religiosas, o culto aos santos e imagens. Sabe-se que após os primeiros quatrocentos anos e com o advento da República, o Estado se torna cada vez mais laico e menos fervoroso, ou seja, a Igreja está perdendo poder, controle dos fieis e do capital, conseqüentemente. Assim sendo, Pio XI inicia a Romanização pensando na continuidade da manutenção do controle sobre a própria Igreja e sobre a sociedade como um todo, em especial a paulistana – aqui objeto de estudo. Assim, na virada para o século XX ocorre um verdadeiro boom na reforma dos templos antigos e na construção de novos, com a finalidade de expandir a fé, o controle político-econômico, além dos lucros, obviamente.

Com o crescimento da cidade de São Paulo, agora capital estadual, torna-se urgente a construção de novas igrejas a serem ricamente decoradas pelos melhores e mais famosos artistas da época, tanto brasileiros como estrangeiros, para que a Igreja seja capaz de angariar novos fieis e novos colaboradores/investidores, no caso os cafeicultores paulistas, que passam a viver na cidade e começam a diversificar seus investimentos no comércio e nas indústrias que surgem nesse momento. Com a união de Igreja e Estado, São Paulo ganha um poderoso mercado religioso que se desenvolve paralelamente ao incipiente mercado de arte laico, que não possui galerias nem museus, não obstante as duas exposições de Anita Catarina Malfatti², realizadas em 1914 e 1917, anos antes da eclosão do Modernismo da Semana de 22.

A produção religiosa de Benedito Calixto se insere perfeitamente nesse contexto de união entre Igreja e Estado, por questões que vão além da mera encomenda. Em primeiro lugar, o artista executa aproximadamente dezessete encomendas religiosas para igrejas, matrizes, conventos e mosteiros na cidade de São Paulo, no litoral e no interior do estado, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, trabalhando livremente para a Igreja. Além disso, sua produção também se adequa aos anseios da elite cafeeira, na medida em que executa pinturas com temáticas interessantes e adequadas aos mesmos.

Sob o ponto de vista das escolhas iconográficas, Calixto parece ter certo grau de liberdade no modo como representa os temas encomendados, sobretudo nas composições e na instalação das pinturas sobre as paredes. Sabe-se que há relatos de reformas exigidas pelo mestre e executadas por seu filho que atua junto ao pai, como arquiteto.

Além disso, Calixto executa suas pinturas dialogando com a tradição artística europeia aprendida durante sua viagem à Europa, após obtenção de uma bolsa de estudos a Paris entre 1883 e 1884. No período em permanece em Paris, Calixto estuda na Academie Julian por indicação de seu amigo e mentor Vítor Meirelles. Embora pareça que Meirelles lhe aponte caminhos em direção ao purismo, Calixto parece seguir não o purismo, mas sim, um estilo de pintura vinculado ao historicismo de gosto arcaicizante tão em voga na pintura francesa do século XIX. Aqui, refere-se a pintores como Jean-Baptiste Regnault (1754-1829), por exemplo, que elabora um tipo de pintura voltado aos fatos históricos e arqueológicos da pintura religiosa (fig.3). Ainda, pode-se propor que Calixto parece seguir a tradição do século XVII italiano, visível no diálogo com Stefano Maderno, escultor barroco, por exemplo.

² Anita Catarina Malfatti (1889 – 1964) realiza duas exposições em lojas, na cidade de São Paulo, uma vez que inexistem galerias de arte nos primeiros anos do século XX.

Segundo informações obtidas junto ao site Web Gallery of Art (<http://www.wga.hu/index1.html>), Stefano Maderno produz sua escultura em mármore (fig.4), sob encomenda do Cardeal Paolo Emilio Sfondrato, no ano de 1600, para a Igreja de Santa Cecília em Trastevere (<http://www.benedettinesantacecilia.it/htm/Basilica.html>), em Roma – local de execução da Santa, em 230 d.C.. Calixto, por sua vez, repete em óleo sobre tela (fig.5), a mesma imagem da Santa morta com as mãos unidas sem cordas, com a cabeça virada para trás exibindo os três cortes oriundos dos três golpes de espada que recebe de seu algoz. Conforme relatos arqueológicos, Santa Cecília teria sido decapitada dessa maneira. Ou seja, o artista brasileiro dialoga com Maderno. Porém, as perguntas corretas a serem feitas seriam: Por que Calixto decide representar a Santa como Maderno a fez? Haveria alguma exigência de Dom Duarte a respeito da representação? O que se sabe é que o artista estuda profundamente a hagiografia e a história para compor suas obras. Mas, haveria por parte da Igreja alguma restrição ou recomendação sobre os detalhes iconográficos? De fato, o artista responde bem aos ditames da Romanização e da elite cafeeira, ao inserir a figura do bandeirante Pedro Correia elevando-o à categoria de herói da formação do povo paulista.

De qualquer maneira, o artista responde bem às tradições artísticas e se insere em um mercado de arte religioso fortemente estruturado, tendo em vista as ligações com a elite cafeeira do início do século XX. Ou seja, Calixto participa ativamente do que Francis Haskell define por “revoluções rápidas” (HASKELL, 1997:18) ao propor que quando um papa assume o poder, traz consigo uma ampla rede de familiares, amigos e clientes dispostos a investir em arte tanto religiosa quanto laica, através da decoração de igrejas e palácios. Ao assumir o papado, Pio XI rapidamente dá início à Romanização, inclusive no Brasil, tendo Dom Duarte Leopoldo e Silva como um de seus representantes atuando, inclusive, como mecenas de Calixto, além da rica clientela cafeeira que, igualmente faz encomendas de obras de arte, financia construções de novas igrejas, além de apoiar a Igreja politicamente. Logicamente, esse processo de cooperação entre Igreja e elite cafeeira não é algo tranquilo nem simples, pois ocorre um conflito de interesses entre ambas as partes, conforme Romano (Romano, 2007) aponta ao longo de sua tese sobre a Igreja de Santa Cecília. Do mesmo modo, Haskell (Haskell, 1997:18) se refere ao mecenato do século XVII, ou seja, há que se considerar a mudança de contexto entre os séculos aqui descritos, bem como a localização geográfica, além da questão amplamente debatida entre centro e periferia por Carlo Ginzburg (GINZBURG, 1989), questão essa que propõe as relações existentes entre Europa, potência centralizadora de modelos e Brasil, periferia que atua não somente como receptora dos modelos europeus, como também reage aos mesmos impondo suas próprias interpretações tanto locais quanto em relação à Europa.

Em relação a Benedito Calixto, Caleb Faria Alves (ALVES, 2003:51), revela que o artista iniciou sua carreira de artista autodidaticamente e que nos primeiros anos pinta ex-votos em sua cidade natal. Somente décadas mais tarde, quando vai para Paris com uma bolsa de estudos patrocinada pelo Visconde de Vergueiro, o artista recebe os primeiros ensinamentos acadêmicos. Ou seja, a formação de Calixto ocorre de forma periférica, embora vá ao centro estudar. Além disso, é necessário verificar as diferenças políticas, econômicas e sociais entre centro e periferia, pois embora a elite cafeeira tenha muito capital para investir em obras de arte e decoração de igrejas, os modelos artísticos disponíveis muitas vezes ou quase sempre diferem dos europeus. No caso de Calixto, isso não parece ocorrer em suas obras religiosas, muito embora sua produção laica não seja vista com muita simpatia pela crítica.

Portanto, o mecenato religioso para Calixto parece possuir muitas particularidades a serem desvendadas no decorrer da pesquisa de doutorado da autora, mediante a pesquisa em arquivos e documentos diversos e relacionados ao tema da pintura religiosa de Benedito Calixto.

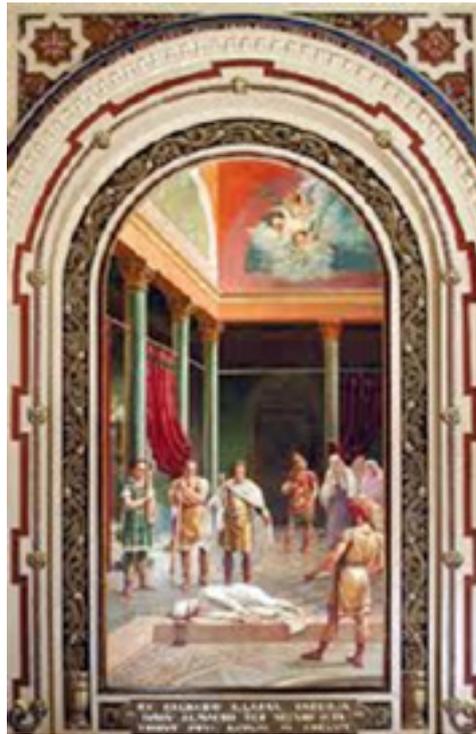


Fig. 1: (1909), Benedito Calixto. *Morte de Santa Cecília*, ost, 190 x 350 cm, Paróquia Santa Cecília, SP.



Fig.2: (1910), Benedito Calixto. *O Martírio de Pedro Correia*, ost, 500 x 300 cm, Paróquia de Santa Cecília, SP.



Fig.3: (1798), Jean-Baptiste Regnault. Desce da Cruz, ost, 425x233cm, Musée du Louvre, Paris.



Fig.4: (1600), Stefano Maderno. Santa Cecilia, mármore, 130 cm comprimento, Igreja Santa Cecilia em Trastevere, Roma.



Fig.5: (1909), Benedito Calixto. Morte de Santa Cecilia, ost, 190 x 350 cm, Paróquia Santa Cecilia, SP, (Detalhe).

Referências Bibliográficas

ALVES, Caleb Faria. **Benedito Calixto e a Construção do Imaginário Republicano**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

GINZBURG, Carlo. “De A. Warburg a E.H. Gombrich”. In: **Mitos, Emblemas e Sinais**. Trad. Federico Carotti. SP: Companhia das Letras, 1989.

HASKELL, Francis. **Mecenas e Pintores: Arte e Sociedade na Itália Barroca**. Trad. Luiz Roberto Mendes Gonçalves. SP: EDUSP, 1997. <http://www.benedettinesantacecilia.it/htm/Basilica.html>. Último acesso em 16/01/2013.

NAVES, Rodrigo. “**Almeida Júnior: O sol no Meio do Caminho**”. In: Novos Estudos CEBRAP, Nov. 2005, pp.135-148, Disponível em: www.scielo.br/pdf/nec/n73/a10n73.pdf. Último acesso em 15/12/2012.

POLETINI, Moisés. **Um Estudo das Obras Sacras de Benedito Calixto**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Sidney Coli Junior. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2003.

ROMANO, Cristina de Toledo. **Santa Cecília: uma paróquia na confluência dos interesses da elite paulista e da igreja católica entre 1895 e 1920**. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profª Drª Ana Maria de Almeida Camargo. SP: FFLCH-USP, 2007. Stefano Maderno. In: <http://www.wga.hu/index1.html>. Último acesso em 16/01/2013.